REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

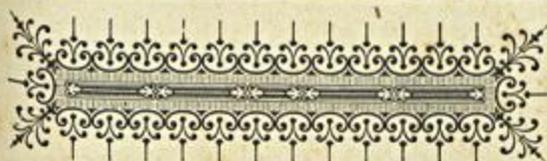
Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)..	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

14.º ANNO — VOLUME XIV — N.º 457

1 DE SETEMBRO DE 1891

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Ha mais d'um mez que andamos a fugir d'um assumpto que não tinhamos vontade nenhuma de tratar aqui, e elle a perseguir-nos sempre, a tomar cada dia maior vulto, cada dia a alastrar-se mais pela opinião publica, a subir de gravidade, a ponto de hoje se nos impor sem mais addiamentos nem subeterfugios, porque é o assumpto dominante em Lisboa, o assumpto de que todos os jornaes tratam, em que todas as pessoas fallam, que todas as attenções preocupa.

Esse assumpto, advinharam-n'o já com certeza, é o mysterioso caso do Convento das Trinas.

Vamos contal-o em duas palavras, muito rapidamente, primeiro porque pela sua natureza essa narrativa não fica muito bem dentro d'estas chronicas, segundo porque já de ha muito tempo do dominio de toda a gente em todos os seus promenores, dispensa-nos perfeitamente de entrar nas suas minuciosidades assaz escabrosas.

O sr. dr. Goulão tinha a educar no Convento das Trinas — onde existe um recolhimento com habitos e regimen monacal como existem muitos no nosso paiz apezar da lei que ha muitos annos extinguiu entre nós as ordens religiosas — uma sua afilhada chamada Sarah de Mattos e uma irmã d'esta.

Um dia o sr. dr. Goulão recebeu participação de que sua afilhada tinha morrido.

Dirigiu-se immediatamente ao Convento.

Viu-a morta, já no esquife, causou-lhe estranheza essa morte inesperada d'uma creança que dias antes estava de perfeita saude, de cuja doença nem sequer tivera noticia.

Fez varias perguntas ás pessoas que tinham tratado d'ella, e as respostas a essas perguntas, respostas hesitantes, confusas em que havia o seu que de mysterio surprehenderam-n'o, intrigaram-n'o, fizeram nascer no seu espirito vagas aprehensões ácerca d'essa morte, que o facultativo do Convento attribuia a uma symcope, com um ponto de interrogação adiante.

Esse ponto de interrogação fez-se tambem no espirito do padrinho da infeliz creança.

A irmã de Sarah perguntada por elle ácerca da morte da pobre menina deu umas respostas que não iam muito d'accordo com as informações, que as empregadas tinham prestado ao sr. dr. Goulão e tudo isto avolumando as suspeitas que começaram a nascer no seu espirito fez-lhe surgir a idéa de pedir a autopsia do cadaver, a resposta ao ponto de interrogação do medico.

A autopsia fez-se e em vez de sahir d'ella a resposta pedida, sahiram mais interrogações ainda, interrogações verdadeiramente inesperadas.

A autopsia encontrava ao cadaver indicios não duvidosos d'um desfloramento recente.

Procurando-se a explicação da morte de Sarah encontrou-se a certeza d'um crime anterior a essa morte.

Comprehende-se facilmente a deducção a tirar d'essa estranha revelação do cadaver.

A certeza d'esse primeiro crime fazia admittir com muitas probabilidades de verosimilhança a suspeita d'um segundo crime feito para encubrir o primeiro.

Uma menor entregue aos cuidados d'um Convento fôra violada, e essa violação, que constitue sempre um crime, constituia n'esse caso especial um crime gravissimo, e ao mesmo tempo um escandalo enorme, escandalo que viria aggravar d'uma maneira extraordinaria a situação melindrosa em que perante a opinião publica estavam as casas religiosas de educação depois do recente caso do Convento do Rego, que tanto excitára a opinião publica, que tantos protestos energicos e justos levantára contra a existencia ilegal no nosso paiz d'esses collegios monasticos que vivem fóra da lei, fóra da vigilancia dos governos, das auctoridades civis, e das familias das educandas.

A morte de Sarah

SIMÃO JOSÉ DA LUZ SORIANO — FALLECIDO EM 18 DE AGOSTO DE 1891

(Segundo uma photographia)

apparecera revestida de circumstancias mysteriosas, a começar pela interrogação do medico em frente da causa d'essa morte, pelas respostas dubias das enfermeiras da doente, — cuja doença se occultara cuidadosamente á sua familia, — pelas informações dadas pela irmã de Sarah.

E então no espirito de muita gente nasceu a suspeita que já havia no espirito do padrinho da pobre creança morta, a suspeita de que essa morte não fora natural e que tivera por fim sepultar debaixo da terra o escandalo enorme, que para o convento trazia a revelação, a publicidade do primeiro crime.

A policia achando se em frente d'um crime claramente revelado pela autopsia do cadaver de Sarah — a violação d'uma menor — e em frente da presumpção do outro crime, um homicidio para encubrir a violação, começou a proceder ás suas investigações.

Não eram faceis essas investigações, já pelo mysterio profundo que envolvia o primeiro crime, mysterio que está ainda por desvendar, já pelo escandalo enorme que se fez em torno d'esse gravissimo caso e os interesses e as influencias que esse escandalo poz em jogo.

A opinião publica profundamente impressionada com os acontecimentos do convento do Rego muito mais se impressionou ainda com o que era natural, com o caso do Convento das Trinas e surgiram de todos os lados protestos indignados, accusações vehementes contra essas casas de educação que tão tragicamente estão dando que fallar de si.

Essas accusações violentas fizeram nascer defezas egualmente violentas, discussões acaloradas apaixonadas, que não vinham nada para o caso, por quanto não se tratava de religião nem de jacobinismo, mas simplesmente d'uns crimes que era preciso pôr a limpo, de que era necessario descobrir os auctores.

E tanto a violencia do ataque ao convento como a violencia da defeza, tem prejudicado e estão prejudicando muito a questão, porque á imparcialidade serena e fria com que todos deviam caminhar na busca da verdade, substituiu-se o facciosismo de partido em alguns jornaes, facciosismo que subiu de ponto ha dias, quando a analyse das visceras da pobre creança, demonstrou que eram justificadas as suspeitas do padrinho de Sarah e a morte d'ella fôra devida, não a uma syncope, mas a um envenenamento por meio de sal d'azedas.

No convento a irmã que tratava da enferma, a irmã Collecta ministrara-lhe um laxante de sal amargo, segundo as declarações que fizera, senão nos enganamos depois da irmã de Sarah ter informado o padrinho que á inteliz creança fôra dada horas antes de morrer uma coisa a beber, coisa que ella bebera e que lhe provocára vomitos de sangue, peiorando em seguida, tanto e tão rapidamente, que horas depois era cadaver.

No estomago da creança apparecia em vez de sal amargo, sal d'azedas: estava por tanto demonstrado que fôra sal d'azedas que a irmã Collecta lhe tinha feito ingerir em vez de sal amargo, e que d'ahi viera a morte quasi immediata.

Em presença da declaração dos peritos, a morte de Sarah fôra um homicidio por envenenamento, e a irmã Collecta foi presa sob a accusação d'esse crime.

Que o envenenamento se deu está provado — falta saber uma coisa: — se foi por engano ou se foi voluntario; se a irmã Collecta ministrando a Sarah o sal d'azedas o fez com a consciencia de que lhe dava um veneno para a matar, se imaginando que lhe dava sal amargo, o purgante usado no convento para todas as educandas.

Presa a irmã Collecta a furia da defeza redobrou e com ella redobrou a furia do ataque, por parte de tres ou quatro jornaes que tomaram n'esta questão as attitudes extremas, ver em tudo crime medonho por se tratar de freiras e padres, ver em tudo innocencia seraphica por se tratar de padres e freiras.

E uns tratam a preza com todas as distincções fazem-lhe apotheoses glorificadoras como se se tratasse d'uma santa martyr; os outros tratam n'a com a aspereza violenta como se ella fosse a ultima das criminosas.

E effectivamente tanto uns como outros pódem ter rasão, mas mais tarde, depois da justiça ter pronunciado o seu veredictum, de ter averiguado se se trata realmente d'um crime — caso em que a accusada seria a mais infame das criminosas, ou d'um engano, caso em que ella seria de facto uma verdadeira martyr.

Nós não tomamos nenhuma d'essas attitudes extremas e esperamos serena e desapaixonadamente o resultado das investigações da policia e da justiça, não quebrando lanças pelo convento das Trinas porque não é a primeira vez que n'um convento se commettem crimes e crimes horrorosos, nem tão pouco excluindo a hypothese de apesar das presumpções serem contra o convento, essas presumpções serem filhas d'uma serie de coincidencias que, por mais inverosimeis que pareçam, o acaso se apraz muitas vezes em forjar, e lamentamos que defensores e accusadores se não tenham querido manter n'esta espectativa perfeitamente imparcial, querendo por força uns que o crime seja impossivel porque os accusados vestem o habito religioso, outros que por elles vestirem esse habito não possam ser innocentes.

*
* *

Na occasião de rever as provas d'esta chronica, somos forçados a augmentar-lhe um tristissimo paragrapho.

A's horas em que a acabamos de escrever, exhalava o ultimo suspiro, em Cintra, um dos homens mais illustres da nossa terra, uma das mais brilhantes glorias litterarias de Portugal — o eminente escriptor, Latino Coelho.

A morte de Latino foi uma dor profundissima para todo o paiz, mas não foi uma surpreza para ninguem, pois ha semanas gravemente enfermo com uma anemia que de hora a hora augmentava prodigiosa e implacavelmente, esse resultado fatal era esperado a cada momento como epilogo inexoravel d'essa enfermidade.

Latino Coelho morreu em Cintra á meia noute e meia hora de sexta feira para sabbado. No domingo de manhã cedo o seu cadaver foi transportado de Cintra para Lisboa, onde ficou depositado na egreja da Encarnação e onde hoje, que escrevemos segunda feira 31, seguiu ás 4 horas da tarde para o cemiterio dos Prazeres, conduzido á mão, acompanhado por numeroso cortejo onde se viam representadas todas as classes sociaes, e por entre alas compactas de povo.

A morte de Latino Coelho é uma perda enorme para as nossas lettras, uma grande perda para o partido republicano de que elle era honrado e convicto chefe, respeitado por todos, por amigos e por adversarios politicos, pelo seu excepcional talento, pela sua alta capacidade, pelo seu caracter impolluto e impeccavel.

A falta absoluta de espaço, a neccessidade imperterivel de terminar esta chronica só nos permitte registrar aqui o desapparecimento d'esse famosissimo espirito, d'esse grande homem, cuja morte nós choramos sinceramente, como amigo e como portuguez.

Gervasio Lobato

LUZ SORIANO [1]

«Estão de todo a terminar os homens das luctas da liberdade contra o absolutismo em Portugal.

Dentro em muito pouco tempo nenhum d'elles existirá para de viva voz poder contar á actual geração o que durante aquellas luctas se soffreu.

Coube agora a sua vez ao nosso particular amigo o sr. conselheiro Simão José da Luz Soriano, que falleceu em Lisboa na terça feira, havendo de fazer 89 annos no dia 8 do proximo mez de Setembro, pois que nasceu na mesma cidade em 8 de Setembro de 1802.

Nascido de familia pobrissima foi o sr. Soriano educado na Casa Pia, e á custa d'esse estabelecimento veiu para Coimbra frequentar a Faculdade de Medicina.

Pelos seus sentimentos liberaes tomou uma parte muita activa na revolução effectuada n'esta cidade no dia 22 de Maio de 1828; e por isso e por haver sentado praça no batalhão de voluntarios academicos teve de emigrar pela Galliza para a Inglaterra, e d'alli para a ilha Terceira.

Nessa ilha foi o primeiro redactor da *Chronica da Terceira*, que começou a publicar-se em 17 de Abril de '830.

Veiu na expedição liberal para o Porto, sendo ahi nomeado amanuense do ministerio da marinha pelo respectivo ministro Sá da Bandeira de que procedeu a inalteravel dedicação que o sr. Soriano teve sempre para com este valente defensor da causa da liberdade

Depois de terminada a guerra civil veiu o sr. Soriano para Coimbra concluir os seus estudos, formando se na Faculdade de Medicina.

Voltando para Lisboa, ao mesmo tempo que exercia as suas funcções na secretaria da marinha entregava-se com toda a assiduidade aos seus trabalhos de escriptor.

Em 1846 e 1849 publicou os dois tomos da sua apreciavel *Historia do cerco do Porto*, que desde logo completamente se esgotou, e que modernamente teve segunda e esplendida edição, feita no Porto pelo nosso amigo o sr. Augusto Leite da Silva Guimarães.

No anno de 1860 publicou as *Revelações da minha vida*, obra muitissimo estimada, que teve uma extracção immediata, sendo hoje difficil de adquirir.

Ahi manifestava largamente o sr. Soriano a austeridade do seu caracter, e a independencia com que apreciava os homens e os factos.

No anno de 1867 publicou os 2 tomos da *Historia do reinado de el-rei D. José e da administração do marquez de Pombal.*

E já no anno anterior de 1866 havia começado a publicação da sua vastissima obra, que veiu a concluir com 17 tomos, no anno de 1890 — *Historia da guerra civil e do estabelecimento do governo parlamentar em Portugal.*

Parece incrivel como a vida de um só homem chegue para escrever uma tal obra! Com ella prestou o sr. Soriano um serviço da mais alta valia ao paiz.

Ainda em 1887 publicou o nosso amigo os 2 tomos da *Vida do marquez de Sá da Bandeira.*

Muitas outras publicações fez o sr. Soriano, parte d'ellas em polemicas com individuos que divergiam das suas opiniões; porque não era elle escriptor que recuasse deante de adversarios.

Em 1853 foi eleito deputado por Angola, e ultimamente reformou se no emprego de official-maior do ministerio da marinha.

Dotado da maxima franqueza não occultava a pobreza na sua mocidade e as occupações nessa epocha. Vejam-se as *Revelações da minha vida*.

Aqui neste escriptorio, em que estamos escrevendo, nos dizia o sr. Soriano, na occasião em que nos veiu visitar em Setembro de 1876: — *Fui encadernador, e ainda hoje sou eu que encaderno os meus livros*

Recordava-se o sr. Soriano das difficuldades com que luctara para frequentar os seus estudos em Coimbra, e por isso tencionava deixar em seu testamento um legodo para auxilio de alguns estudantes pobres.

Em carta de 12 de Outubro de 1876 nos dizia o sr. Soriano:

«Meu amigo. — Em quanto pobre anhelava os meios de poder formar-me. Tenciono pois habilitar por parte da minha fortuna outros estudantes nas minhas circumstancias a poderem seguir um curso superior de lettras.»

Mostrava-se na sua carta em duvida o sr. Soriano se havia de entregar a administração do seu legado á Misericordia de Coimbra, ou á camara municipal do Porto.

Fazia comtudo impressão no sr. Soriano a favor da camara do Porto, o facto de ter estado nessa cidade durante o seu memoravel cerco.

Terminava o sr. Soriano a sua carta dizendo:

«O seu voto é para mim de muito peso; esperando por isso que com brevidade me diga, com a mão na consciencia, o que faria na minhas circumstancias.»

Respondemos ao nosso amigo, expondo-lhe as razões em que nos fundavamos para preferir a Misericordia de Coimbra.

A' circumstancia do sr. Soriano ter estado no Porto durante o cerco contrapunhamos lhe a circumstancia, não menos ponderosa, de haver passado em Coimbra o melhor tempo da sua mocidade, quando aqui frequentava os estudos.

Além d'isso, a favor da preferencia da Misericordia de Coimbra expunhamos-lhe a razão convincente de que os mesarios d'este estabelecimento de caridade tinham a vantagem de poderem pessoalmente, e com toda a facilidade, verificar o procedimento dos estudantes subsidiados pelo legado do sr. Soriano, em quanto que os vereadores da camara do Porto só poderiam obter essas informações, por intermedio de terceiras pessoas, o que era muito mais contingente.

A isso nos disse o sr. Soriano em carta de 26 do mesmo mez:

«Acceitei a sua opinião quanto á deixa á Misericordia d'essa cidade.»

[1] O artigo que vae ler-se foi publicado pelo sr. Joaquim Martins de Carvalho, no *Conimbricense*. O honrado liberal e erudito escriptor conheceu tão de perto o fallecido historiador, que o seu artigo é o mais completo e curioso que se podia escrever a respeito de Luz Soriano. E' por essa razão que o transcrevemos pedindo venia ao seu auctor. *R.*

Na sua edade avançada tinha o sr. Soriano graves padecimentos. Em especial se nos queixava dos soffrimentos de bexiga, devido á sua vida sedentaria de escriptor, o que fazia que não podesse dormir, receando em breve o termo da sua existencia.

Era por isso que pretendia que nos incumbissemos, de accordo com o sr. bacharel Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão, (agora já fallecido), de publicarmos dois dos tomos da sua *Historia da guerra civil*, para os quaes deixava o manuscripto.

Para isso nos escrevia o sr. Soriano a seguinte carta, com data de 21 de Outubro de 1881:

«Meu bom amigo e senhor. — Uma grave molestia de bexiga, de que sou victima, me obriga de noite a ourinar de meia em meia hora, sem portanto me deixar dormir, dando-me em resultado poder cair numa cachexia, e ir-me abalando para o cemiterio, pois que o dormir para a especie humana é tão necessario como o comer.

Eu tenho já promptos para irem para a imprensa os restantes dois volumes, que com os dois impressos. perfazem os quatro da terceira e ultima época. Tenho tambem collecionados e promptos os documentos da segunda época: os da terceira é que estão por ora em vel o-hemos. Todavia já estão colleccionados os do 1.º volume da dita terceira época.

O meu empenho porém é o da publicação dos meus dois citados volumes de texto. A não os poder publicar em vida, lembrei-me portanto commetter a v. e ao dr. Gusmão, a impressão d'elles. Creio que a tiragem não poderá passar de 320 exemplares captivos dos percalços da imprensa e do tributo das bibliothecas publicas. Os volumes são grossos e talvez excedam a 700 paginas.

O 4.º volume poder-se-ia imprimir á custa do que rendesse o terceiro. O que a extracção der é para os dois editores. Mas como a vendagem, além de incerta, é demorada, peço-lhe que me diga (pondo amizades de parte), que somma lhes hei de deixar para a impressão dos dois ditos volumes, no caso de os não imprimir em vida, pois que a fallecer de nada me vale o dinheiro.

O dr. Gusmão, segundo me disse ha tempos numa carta sua, logo que receber a deixa que lhe legou o sogro, abandona a clinica, para ir em Coimbra tratar da educação dos filhos; não sei porém se ainda está ou não nestas tenções.

O que porém é certo é o estar eu em vesperas de deixar o mundo, do qual não levo saudades, posto tenha a consciencia de ter feito ao meu paiz os mais importantes serviços nas minhas humildes circumstancias.

Grangeei lhe Mossamedes, hoje em bella perspectiva com a colonia dos boers, tendo conseguido tambem pelos meus esforços, que a Inglaterra nos deixasse occupar o Ambriz; isto sem fallar em ter livrado o thesouro publico de uma avultada indemnisação, que teria de pagar a uma casa commercial de Marselha, a não ser eu, somma decerto muito superior á que d'elle tenho recebido e poderei ainda receber. (Veja as *Revelações*).

E todavia a não ser o sr. marquez de Sá, de nenhum dos nossos governantes, passados e presentes, levo para a cova o mais pequeno signal de consideração, mas sim de pungente desfavor, pois que o sr. conde de Thomar (hoje marquez), se lembrou demittir-me na omnipotencia do seu ministerio, e o sr. Mendes Leal de preterir-me escandalosamente com a mais flagrante injustiça. A alguns d'elles, governantes, conheci eu na posição de bem tristes pingurias, antes de se lançarem na carreira da politica facciosa e partidaria, que os engrandeceu e opulentou, por meritos que lhes não louvo.

. . . .

Todavia não lhes invejo pela minha parte a fortuna, e ainda menos a celebridade do nome; pois que para mim basta me a consciencia de ter feito ao meu paiz bons e importantes serviços, e de merecer aos que depois de nós vierem, a justa reputação de um prestante e benemerito filho, tendo-me de mais a mais dedicado na minha velhice septuagenaria a escrever-lhe os fastos de uma tão complicada época, talvez a mais notavel que tem tido Portugal, fazendo isto no meio de muitos e repetidos dissabores, que por esta causa tive, em vez de galardão.

Paciencia: não me importo com isso; basta-me a consciencia de ter cumprido com o dever de um bom e util cidadão.

Tambem o illustre marquez de Sá, que tão importantes serviços fez á causa liberal, e que de tanto primor era a sua honra, sciencia e bravura militar, nada mais levou para o tumulo do que o seu bom nome, salvo o que na sua carreira lhe pertenceu por accesso, depois de ter arriscado por muitas vezes a sua vida na nossa lucta civil, e ter arruinado a sua casa por effeito do seu liberalismo.

Bem podia elle pois á hora da morte dizer como o grande Scipião: *Ingrata patria, non possidebis ossa mea.*

A pobreza lhe orna o tumulo, pois da patria não recebeu em vida doação alguma nacional, como teve o sr. conde de Thomar, para mim e para muitos, com premissas falsas. Repito pois ainda, são cousas d'este mundo!

Ficar-me-hei por aqui. Dê-me pois as suas ordens, porque me prezo de ser

De V. verdadeiro am.º e mt.º obr.º

Lisboa, 21 d'outubro de 1881.

Simão José da Luz.

N. B. — De proposito omitti acima os serviços que fiz na Terceira como escriptor e empregado na imprensa do governo, pois que esses serviços ha muito que já não tem meiito entre os nossos governantes; mas a não serem elles, taes governantes não passavam do nada.»

Segundo nos communicava o sr. Soriano numa carta posterior, ficavamos por elle plenamente auctorisados a modificar e alterar tudo o que entendessemos conveniente nos dois tomos da sua obra, que nos deixava o encargo de publicar.

Felizmente o sr. Soriano, apezar dos seus graves incommodos de saude, viveu ainda mais 10 annos, conseguindo não só concluir a publicação da *Historia da guerra civil*; mas publicar os 2 tomos da *Vida do marquez de Sá da Bandeira.*

No seu testamento, entre outros legados contemplou especialmente o sr. Soriano a Casa Pia de Lisboa, em reconhecimento de ter alli tido a sua primeira educação.

A' Misericordia de Coimbra deixou a quantia de 12:000$000 réis, com a condição d'este estabelecimento de caridade subsidiar tres alumnos nas aulas de Coimbra.

Nisto se vê confirmado o que acima dissémos, relativamente á consulta que ácerca d'este legado nos dirigiu em 12 de outubro de 1876 o sr. Soriano, e ao nosso parecer a favor d'este estabelecimento de caridade, o qual o nosso amigo acceitou em carta de 26 d'esse mez.

Joaquim Martins de Carvalho.

AS NOSSAS GRAVURAS

INUNDAÇÃO NA ILHA TERCEIRA

Meu caro Caetano Alberto.

Pediu-me um artigo para elucidação de photographias, que lhe enviei, relativas á catastrophe recente da ilha Terceira. Aceitei o encargo, porque me dava occasião para matar saudades de uma terra açoriana, onde passei um mez de verdadeiro filho prodigo, regressando á casa paterna. Era triste o pretexto, mas era suave a ideia de que o mal tinha passado e de que o presente procurava disfarçal-o com as mil intervenções caridosas, que tão inesperado acontecimento promoveu em todos os portuguezes, sempre unidos pelo coração e desvelados no bem fazer.

Como de costume, porem, meu bom e meritissimo amigo, guardei para a ultima hora o artigo promettido, sem pensar na catastrophe de uma enorme constipação, que me invadiu de subito e para a qual é pequena a minha cabeça, tão apertada a sinto. Ora em assumptos de redacção, as ideias, que me fugiram, não podem, como muito bem sabe, ser substituidas pelo sentimento, sobre tudo quando a febre, que tenho, não é nada litteraria e o defluxo me anda ás bulhas com o tinteiro. A Providencia, comtudo, sempre amiga, appareceu-me, no mais critico momento das minhas improductivas cogitações, sob a forma de um pequeno e affectuosissimo livro, obra de um distincto escriptor terceirense, espirito largamente cultivado e tão diligente trabalhador, como investigador consciencioso e erudito. Estava resolvido o problema. Extraia pois o meu prezado artista d'esse volume, que lhe envio, recentemente publicado pelo sr. José Joaquim Pinheiro, de Angra do Heroismo, o que mais opportuno julgar para informação dos seus leitores.

Cumprirei assim a minha promessa com prosa alheia, melhor de que a minha, com o que todos lucraremos e crio um novo ensejo para agradecer ao generoso auctor do trabalho, que vae compulsar, o ter-se lembrado de mim, ao fazel-o, invocando titulos e attribuindo-me meritos, que constituem as unicas *mentiras*, que lhe tenho ouvido.

Lisboa 30 de agosto de 1891.

Seu muito affeiçoado e gratissimo admirador

José Julio Rodrigues

Agradecendo ao nosso illustre amigo a sua amavel carta, vamos extrahir da apreciavel *Memoria descriptiva da horrorosa catastrophe na Ilha Terceira dos Açores na noite de 22 para 23 de julho de 1891, offerecido ao ex.mo sr. conselheiro José Julio Rodrigues, por Joaquim José Pinheiro*, os trechos necessarios para illucidação das gravuras, e que tanto ao vivo descrevem os promenores d'esta grande catastrophe.

«O estio do anno de 1891, na ilha Tercera, comquanto se não possa considerar, até á data em que traçamos estas linhas, de pleno inverno, por se terem notado alguns dias, não muitos, de sól ardente e intenso calor, nem por isso tem deixado de apresentar bastantes dias chuvosos, comprommettedores dos serviços agricolas, podendo, sem hyperbole, considerar-se, mais como uma humida primavéra, do que um verão regular.

«Quando, pois, se receavam grandes prejuizos na colheita dos trigos, compromettida pelas repetidas chuvas, improprias da estação, é então que uma terrivel catastrophe, vem aterrar, os terceirenses, especialmente os desditosos habitantes do pittoresco lugar de Valle-de Linhares, na freguezia de S. Bento, extramuros da cidade d'Angra do Heroismo, d'antes tão formoso, e hoje com uma grande parte em ruinas!

«Estavam reservados para aquella infeliz povoação, os mais funestos resultados da medonha aluvião, na noite de 22 para 23 de julho, tendo a deplorar trez victimas da terrivel inundação, e o risco de vida em que se acha a infeliz mulher d'uma d'essas mesmas victimas, que hoje no meio de atrozes dores, lamenta a perda de seu marido, e d'uma filha de 16 annos de edade, ambos arrojados pela impetuosa torrente, que derrubou quatro casas, deixando alluidas não poucas, que assaltou na sua devastadora furia.

«Uma pobre mulher, conhecida pelo nome da *tia Jeronima*, que vivia só em uma pequena casa, das quatro derrubadas, teve a mesma sorte dos seus infelizes visinhos, sendo igualmente impellida pela furia das aguas, que instantaneamente lhe extinguio a vida, confundindo o seu cadaver na enxurrada. O cadaver d'esta infeliz, que era natural da ilha do Fayal, appareceu no Porto Velho da Ribeira-Sécca no dia 28 de julho, já em estado de putrefacção.

«Oh! quão doloroso foi o alvorecer do dia 23 de julho de 1891, para os desditosos habitantes de Valle-de Linhares, vendo os seus pequenos aposentos, repletos d'agua e enchurros, e elles correndo o risco de serem arrojados pela violencia da invasora corrente!... Quantas lagrimas deslisadas por aquelles amedrontados rostos, quantos gritos das criancinhas, em tão triste conjunctura, em que todos viam diante de si o abysmo, e tranzidos de susto e pavor, levantavam as mãos ao Senhor das Alturas, implorando-lhe piedade e misericordia!...

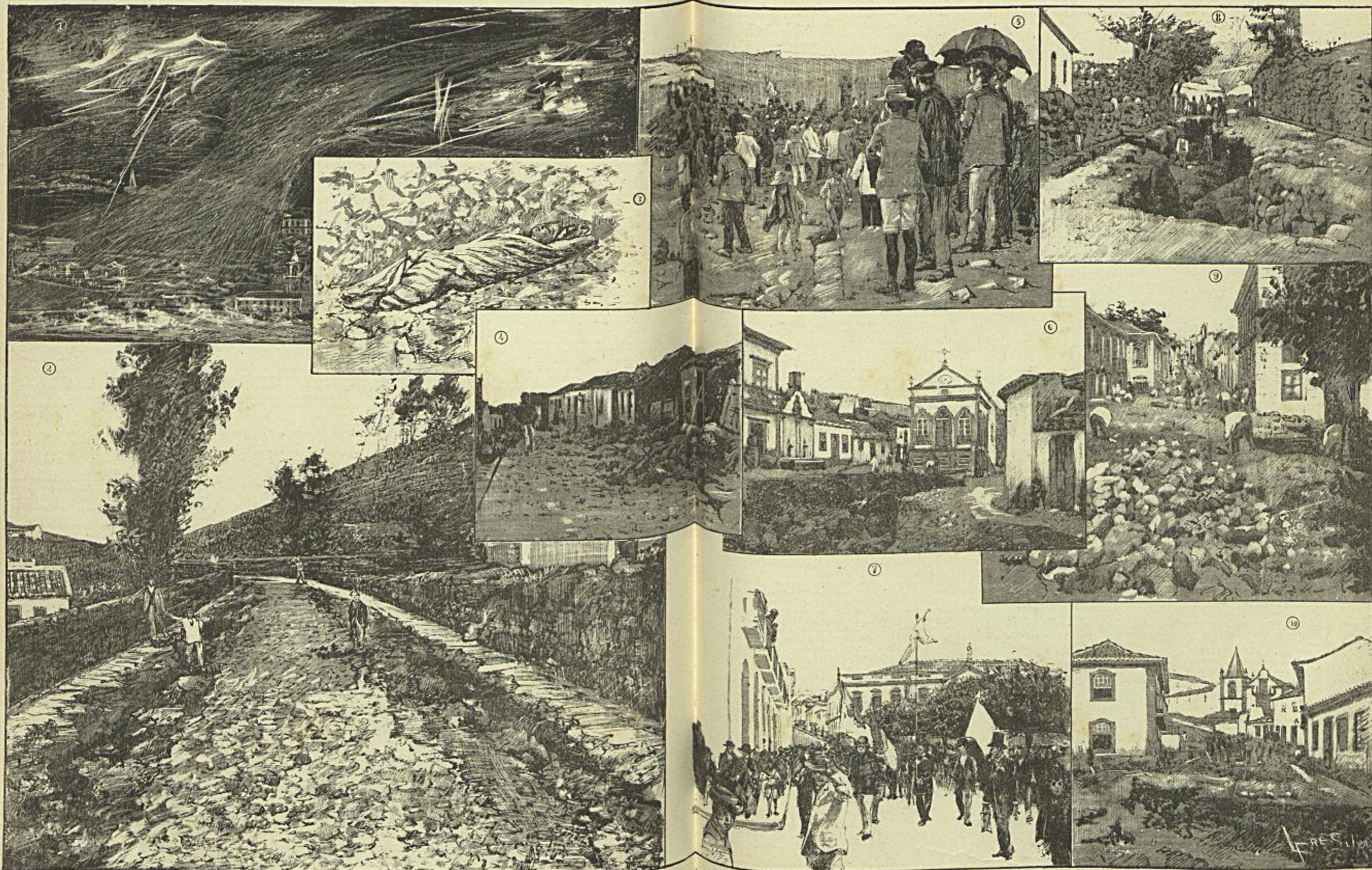
*
* *

«Em todo o dia 22 de julho, 4.ª feira, 17.º da lua d'este mez, se conservou em Angra a atmosphéra nublada, cahindo uma, ou outra vez pequenos chuveiros, á similhança dos dias antecedentes; porém ao findar da tarde, correndo serenamente o vento do quadrante do SE, começaram a manifestar-se repetidas exhalações atmosphericas da parte occidental da ilha Terceira, até depois das 10 horas da noite, em que se passou a sentir o estampido de longiquos trovões.

«Pouco depois de soar a meia noite, começou a cahir uma intensa chuva torrencial, desencadeando-se em seguida a mais horrorosa e medonha trovoada, que em Angra se tem conhecido.

«A trovoada, partindo do oriente para o occidente, encontrou-se da 1 para as 2 horas da madrugada do dia 23, com outra linha de electricidade, vinda da direcção do sul, sendo n'esta occasião, que o estampido se tornou atterrador, no meio de continuos relampagos de luz tão viva, que chegavam a cegar a vista, de quem pretendia observar este pavoroso jogo da natureza.

«Apesar da grande descarga electrica, a chuva engrossava mais e mais, havendo occasiões em que parecia não poderem os telhados supportar tamanho peso d'agua, em quanto que muitos d'elles lhe não podiam dar o preciso escoamento, deixando-a

INUNDAÇÃO NA ILHA TERCEIRA

1 A inundação — 2 Estragos causados pela inundação na estrada real n.º 2, no sitio do *Pico Redondo* — 3 Cadaver de uma das victimas — 4 Casa destruida na estrada de *Valle de Linhares*
5 Descoberta do cadaver de uma das victimas, na estrada de *Valle de Linhares* — 6 No Largo de S. Bento — 7 O bando precatorio da imprensa terceirense passando na Praça da Restauração — 8 Mais estragos causados pela inundação no sitio do *Pico Redondo*
9 Estado da ladeira de S. Francisco depois da inundação — 10 Covas abertas pela inundação no largo de S. Bento e principio da estrada de *Valle de Linhares*.

(Segundo photographias offerecidas pelo sr. Conselheiro José Julio Rodrigues)

cahir no interior das moradias. Foi uma noite horrorosa!

«Diminuida a intensidade da trovoada, proximo das 3 horas da madrugada, nem por isso declinou a chuva antes das 4 horas, em que se começou a conhecer o seu decremento, sendo para notar que o vento, em todo este não pequeno espaço de tempo, conservou sempre a maior serenidade.

«Raiou o dia 23 de julho, ainda muita era a chuva que cahia, felizmente menos intensa que nas 4 horas antecedentes; e as principaes ruas d'Angra, estavam convertidas em caudalosas ribeiras, que no curso da grande massa d'agua que as alimentava, produzia copiosas infiltrações no réz dos predios, que orlam essas mesmas ruas, atemorisando cada vez mais os seus moradores.»

. . . .

Depois de nos descrever os estragos produzidos na principal praça de Angra do Heroismo, a praça da Restauração, nas ruas de S. Francisco, do Pisão, do Desterro e no largo de S. Bento, escreve o auctor do livro, que estamos transcrevendo, fallando das devastações do Valle de Linhares, o seguinte:

«**Valle de Linhares.** A penna nega se-nos a descrever os horrores, que se observam n'aquelle malfadado local, em que só apparece ruina, e desolação: assim copiaremos a narração que se encontra não só no jornal acima citado, como n'outros d'esta cidade.

— «Em seguida ao largo, formaram-se verdadeiros outeiros d'areias e pedras, arrastadas por outra corrente d'agua que veio pela Ladeira de S. Bento. Para o lado da *Carreirinha*, (começo da estrada real n.º 1), as aguas represadas pelo entulho, formavam um grande lago na estrada.

«O caminho de Valle-de-Linhares, n'uma extensão de muitos metros, foi completamente destruido. A canalisação ficou inteiramente inutilisada.

«Formaram se grandes e profundos valados, montões de pedra, e é difficilimo o transito a pé.

«Acima da ponte do Salto, foram completamente destruidas quatro casas, havendo sómente tempo dos moradores, que são pobrissimos, salvarem a vida, fugindo pelo telhado para as casas proximas.

«Mais acima, foi outra casa completamente destruida, afóra as muitas que ficaram arruinadas, e inhabitaveis. A população d'este bairro é a mais pobre da cidade.

«**As victimas.** Entre as pessoas que milagrosamente se salvaram do terrivel cataclismo são dignas de menção as seguintes:

«João Lourenço, mulher, e trez filhos menores, salvaram se alojando se no forno, unica parte da casa que ficou de pé. Avaliem-se as agonias innarraveis d'esta pobre familia, ao ver subir a agua, e assistir á destruição da sua casa; vendo a corrente impetuosa levar-lhe as roupas, a mobilia, tudo o que constituia os seus unicos bens, e a agua galgando sempre, e ameaçando submergil-os a todos.

«Antonio Parreira, quasi cego (tinha de poucos dias soffrido a operação da cataracta) e sua mulher, vendo a casa invadida pela agua, refugiaram-se no sotão: a agua subia sempre e as paredes oscilavam batidas pela corrente. Foi n'esta hora de suprema angustia, que a pobre mulher, n'um exforço sobre humano, (abrindo com a cabeça um buraco no guarda-pó) arrombou o tecto, trepou se ao telhado, e agarrando o marido pelos cabellos, conseguiu arrebatal-o, e conduzil-o palos telhados até outra casa que as aguas poupavam mais. Pouco depois a casa era completamente destruida.

«**Os cadaveres.** Sobre a ponte encontrou-se o de Maria Corrêa, de 16 annos, com o corpo completamente nú, e em baixo na quebrada, o cadaver do pae, de mais de 40 annos de idade, entallado entre a penedia arrastada e arrancada das rochas que ladêam a ribeira.

«A casa de habitação de José Corrêa e familia, fôra completamente destruida. A corrente, formada no caminho, e engrossada com outras levadas d'agua cahiu impetuosamente sobre aquella casa, levando tudo. A mulher conseguiu escapar casualmente com a vida. A agua levou-a de encontro a um alamo, a que se agarrou: duas grandes pedras lhe cahiram sobre as pernas e a seguraram.

«O cadaver de Jeronima Delfina, viuva de mais de 70 annos, ainda não poude ser encontrado.

«A conducção dos cadaveres para o hospital, foi o ultimo acto d'esta tragedia funebre.

«As mulheres choravam em altos gritos a perda d'aquella creança, que ainda na vespera alegrava a visinhança com a alegre despreoccupação da sua meoi·dade.»

. . . .

«Não deixa de admirar a notavel coincidencia de ser n'esta data governador civil do districto, o ex.^mo commendador José Ignacio d'Almeida Monjardino, que meio seculo antes, sendo secretario do nolvidavel administrador geral, o conselheiro José Silvestre Ribeiro quasi quotidianamente pisava estes mesmos lugares, para ir visitar a assolada villa da Praia da Victoria, no anno de 1841, onde tambem lhe cabia acudir com as providencias precisas, em não menos pungente occasião.»

. . . .

«Concluiremos a nossa breve noticia sobre os tristes acontecimentos de Valle-de-Linhares, inscrevendo a seguinte narração, que no hospital da Misericordia d'Angra, nos fez a desditosa viuva do infeliz José Corrêa, cujo cadaver foi sepultado, junto do de sua filha Maria Corrêa, no cemiterio geral, na tarde do infausto dia 23 de julho. Eis quaes foram as suas palavras.

—«Acordei quando a chuva cahia com grande intensidade, os relampagos eram immensos, e a trovoada medonha, ouvindo-se alem d'isto o ruido que fazia a corrente da ribeira, que era assustador.

«N'esta occasião chamei meu infeliz marido, pedindo-lhe que accendesse luz, para estarmos prevenidos, quando a chuva não diminuisse, podendo produzir qualquer sinistro: ao principio elle recusou-se a annuir ao meu pedido, por serem muitos os relampagos, e como V... sabe, haver entre nós o prejuizo, de que a luz artificial atrahe o raio.

«Porém como o ruido da corrente fosse cada vez maior, sempre meu marido incendiou o *phosphoro*, e ao sahir da cama, soltou estas palavras: — Ai! que temos já bastante agua em casa, até quasi á altura das camas!

«Acceza a luz, tanto eu, como a minha desditosa filhinha, nos vestimos á pressa, em quanto meu marido, com uma enchada, intentava abrir um buraco na parede do fundo da casa, para por elle sahir a agua para a ribeira.

«Indo a agua cada vez em mais crescimento, ajudou-nos elle a subir á extremidade superior do frontal divisorio. Como porém, eu lhe gritasse que aquella empena da casa estava a cahir, elle d'alli nos conduziu a ambas para cima da meza onde comiamos, sendo n'esta occasião que a porta se abriu obedecendo ao impulso da corrente, e nos inundou de todo a casa.

«Logo em seguida cahio o tecto, estando os trez infelizes enlaçados, em cima da meza, e depois desappareceu a parede do fundo da casa... eu perdi os sentidos... nada mais vi... de nada mais soube, até á hora em que pela manhã me acordaram do lethargo em que jazi!...

«A piedade dos meus visinhos, levou-os a tirarem-me do *sepulcro* em que estive aquellas horas, e restituio-me á vida, para saber que tinha amanhecido triste viuva, e que havia perdido a minha amada filhinha, que, apesar do seu grande desenvolvimento, tinha feito 13 annos no dia 22 de março passado.»

«E pelo rosto da desventurada viuva corriam abundantes lagrimas, que nos obrigaram a retirarmo-nos de junto d'aquelle bem triste leito, de cruciantes dores physicas e moraes!...

*
* *

«Segundo as melhores presumpções, e conforme a direcção que as aguas tomaram, ha toda a probabilidade de que a alluvião de 22 para 23 de julho, proveio d'uma tromba d'agua vinda do occidente, que se rompeu, ou desfez, a meia ilha, na Serra da Caldeira, entre a Achada e o Pico da Cruz, estabelecendo duas grandes correntes, pelas Fajans para a Agualva, d'onde se bi-partiu para Villa-Nova, e Lagens pelo ramal de S. Braz, a NE. d'Angra, e outra, talvez a maior, para a banda da cidade, havendo d'ella uma menor derivação, que entrou pela Ribeirinha na ribeira de St.º Amaro.

Por felicidade nossa, rompeu se em um lugar de rusticas pastagens, e mattos, em que não havia uma unica habitação. Se fôra em Angra contaria hoje o reino de Portugal uma das suas antigas cidades de menos, no archipelago dos Açores!»

*
* *

«Foi esta mais uma occasião, em que as doiradas azas da caridade dos terceirenses, adejaram sobre os infelizes inundados, quer acudindo-lhes com roupas, quer com auxilios pecuniarios, logo em seguida ás horas afflictivas da catastrophe. Bem hajam todos.

«Tendo já noticiado a subscripção promovida espontaneamente pela real associação dos bombeiros voluntarios d'esta cidade; a formação da commissão de soccorros da freguezia de S. Bento; e o beneficio resultante da recita no theatro-sala, «Fraternidade Artistica»: corre-nos o dever de mencionar o resultado do bando precatorio da imprensa terceirense, no domingo 2 d'agosto. E como este caritativo acto, fosse o mais imponente que se celebrou na cidade d'Angra do Heroismo, permitta-se-nos dar d'elle uma resumida noticia.

«Pouco depois das 10 horas da manhã, era no largo Quatro de Março, annunciado o desfilar do bando, pelos toques dos corneteiros e tambores. Em seguida via-se hasteado o pendão com a legenda — *Esmola aos Inundados* —: conduzia-o o mais joven dos jornalistas, o sr. Julio de Lacerda, que se revesava com o sr. Manuel Vieira da Silva. Ao lado direito, desfraldava-se a antiga bandeira municipal, levada pelo sr. Antonio Borges da Silva do Canto Corte Real; e á esquerda a bandeira da *Cruz Vermelha*, conduzida por medicos terceirenses, que se revesavam, e que eram os srs. drs. João Carlos da Silva Pitta, Manuel Antonio Lino Junior, e Annibal Bettencourt.

«Succediam se os alumnos das escolas d'instrucção primaria, com a bandeira da escola official da freguezia da Sé, levada pelo joven Jacintho da Rocha.

«Depois seguia o carro da imprensa, conduzindo um prelo e diversos typographos, no qual se imprimia um papel solto, com pensamentos de differentes jornalistas, alusivos áquelle acto.

«A este carro succedia a real associação de bombeiros voluntarios, em grande uniforme, conduzindo o seu carro de ferramentas e mais pertences.

«Atraz d'esta associação, ia tocando a phylarmonica *Popular Angrense*.

«Depois seguia se o carro para as offerendas, que foram em numero, que produziu em leilão, quantitativo superior a 25$000 réis, sem contar algumas roupas, lenços, metros de panno d'algodão, e de chita, que se resolveu distribuirem se pelos mais infelizes dos inundados.

«Atraz ia a associação *Club Artistico*, a que succedia o *Clero* das freguezias de Nossa Senhora da Conceição, de S. Bento, e de Santa Luzia.

«No remate do prestito via se a suprema authoridade do districto, o ex.^mo commendador José Ignacio d'Almeida Monjardino, o illustre presidente do nobilissimo senado Angrense, o ex.^mo sr. Antonio do Rego Botelho de Faria, o digno secretario geral do governo civil, e um official da secretaria municipal, que constituiam a linha fronteira á da imprensa, no centro da qual conduzia a bandeira portugueza, o muito reverendo deão da cathedral, dr. José da Fonseca Abreu Castello Branco, ladeado por alguns escriptores, e funccionalismo publico.

«A banda de musica do regimento de caçadores n.º 10, da regencia do sr. Manuel José Candêas, terminava o prestito.»

*
* *

«O bando, que correu todas as principaes ruas da cidade, produziu 200$000 reis insulanos, e terminou cerca da 1 e meia hora da tarde. Na sua terminação offereceram os corneteiros e tambores, a gratificação pelo seu trabalho, em favor dos infelizes inundados. Que Deus lhes recompense o seu generoso offerecimento.»

Concluiremos este artigo dizendo, por nossa parte, que os desastres mais accessiveis ao exame publico foram em material de obras publicas e de viação municipal. A esses accudirá sem duvida o governo. Outros porém, que affectaram pessoas e bens particulares, não foram tão minguados, como alguns querem suppor. Nem de outra sorte se comprehenderia o bando precatorio immediatamente constituido em Angrado Heroismo para acudir as victimas da catastrophe, nem seria necessario appelar para a imprensa insular e continental como o fez a imprensa da ilha. Não suspendam portanto as suas caridosas resoluções os que se propuzeram auxiliar com dadivas suas aquelles nossos irmãos d'alem-mar. Não corre risco de sobejar dinheiro nem, que elle sobejasse, haveria falta de applicação para verbas, que podem retrahir-se, ao ouvirem os seus doadores que são escusados donativos, onde a miseria é infelizmente tamanha. A emigração que o diga, quando muitos outros factos a não attestassem e proclamassem.

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

A LINHA DA BEIRA BAIXA

Abrindo brevemente á exploração uma grande parte d'esta linha, isto é, desde Abrantes até Covilhã, bom é que demos ao leitor a sua descripção, e gravuras das principaes obras d'arte e bellos pontos de vista, de que ella é rica como poucas entre nós.

Importante, já por ligar entre si duas grandes linhas de companhias diversas, já por servir cidades de consideravel riqueza industrial e zonas agri-

colas de grande producção, a linha da Beira Baixa estava ainda destinada a ter uma notabilissima preponderancia na orientação do nosso movimento financeiro interno e internacional, sendo a Helena da lucta travada entre os grupos portuguez e francez que disputavam entre si a sua adjudicação.

Concedida a linha á Companhia Real Portugueza, e modificada por esse motivo, a organisação do conselho de administração d'aquella companhia, os trabalhos de construcção foram adjudicados á Empreza Nacional de Construcções que ha pouco teve que ceder o logar á companhia concessionaria, para concluir os trabalhos que aquella não se apressava em terminar.

Sob a direcção do engenheiro chefe da construcção da companhia, o sr. Vasconcellos Porto, um dos talentos mais brilhantes do nosso corpo de engenheiros e um dos genios mais activos e de mais energica tenacidade que se empregam n'estes trabalhos, o acabamento da linha, a sua completa reforma em muitos pontos têem corrido com tal rapidez e perfeição, que se pode assegurar que a linha da Beira Baixa será uma das melhor construidas do paiz, como tão necessario era a uma via que está destinada a um movimento activissimo, de comboios tanto internos como internacionaes.

A linha parte da estação da de leste em Abrantes, desenvolvendo-se por meio de uma larga curva para ganhar a margem esquerda do Tejo.

Ahi foi lançada a ponte cuja descripção já aqui fizemos por occasião de se completar o seu taboleiro. (Vidé *Occidente* n.º 376). Daremos por isso apenas a nota das suas dimensões, isto é, 442 metros de extensão, em sete tramos sendo os dois dos extremos de 48 metros e os cinco restantes de 60 metros, e dois accessos de 15 metros e meio cada um, assentes sobre oito pilares e dois encontros em alvenaria.

Tanto esta ponte como as demais da linha são obra da acreditada casa constructora belga *Société de Braine le Comte*, que pelo seu grande numero de trabalhos no nosso paiz e pela boa execução d'elles, gosa aqui, como no estrangeiro, de merecidos creditos.

O panorama que se distructa da ponte é já maravilhoso. Em frente, no sentido da marcha do comboio, ergue-se magestosa a velha cidade de Abrantes; aos nossos pés murmuram as aguas do Tejo, sulcadas por uma infinidade de barquinhos que fazem o trafego das povoações á beira do rio; ao lado direito da montanha destaca-se a curva por onde a linha segue a contornar a cidade, galgando differentes ribeiros em pequenas pontes até o numero de sete, a ultima das quaes é a da Riba Fria, de 50 metros.

Encontramos de novo aguas do nosso bello Tejo ali comprimido entre montanhas, e na sua margem direita seguimos contemplando á esquerda a aldeia de Alveja rodeada de verdejante arvoredo que cobre a vertente da montanha.

Em 10 kilometros que se seguem os frequentes riachos e ravinas são galgados por 4 pontes, até que em breve se desloca, no alto de um pico giganteo, o arruinado castello de Belver.

Pouco depois apparece-nos Barca da Amieira, na margem esquerda, pequena villa que tem certa importancia por ser ali o ponto de embarque dos productos agricolas que de Niza seguem, pela bella estrada que ali desemboca, a embarcar no Tejo para seguirem a Lisboa.

Alem da Amieira não sabemos se é o Tejo, se o Douro, se o Tua nas suas mais alcantiladas margens que vamos contemplando.

Imponente troço de linha, que nos recorda o de Barca d'Alva a Fregeneda, foi á custa de tunneis e viaductos que se abriu passagem por sob aquellas agrestes penedias, por cima d'aquellas profundas ravinas, verdadeiros abysmos de rocha virgem.

Chegamos sob esta impressão á ribeira do Prior, onde os horisontes se abrem mais um pouco, não nos deixando, comtudo, vêr por onde sahiremos d'aquelle circulo de pedra que nos encerra. Um tunnel opéra o milagre, o que vimos, á esquerda, na gravura que hoje damos (fig. 2) cujo fundo é formado pela ponte da estrada de Portalegre a Castello Branco, no sitio chamado Portas do Rodam.

(Continua) *L. de Mendonça e Costa.*

A HERANÇA DO BASTARDO

Romance original

XIV

NO PARLATORIO DO CONVENTO

Luiz e Fernando retiraram-se por não acharem aquella occasião opportuna para pedirem uma audiencia á superiora, porque Fernando tendo dito a Luiz que ia participar á abbadessa que a religiosa que tinha o nome secular de Anna da Soledade ou morgada de Louredo, havia fallecido, guardara para si o proposito em que estava de colher algumas indicações que ajudassem o seu amigo a encontrar o filho.

Fernando estava ao facto de tudo!

Luiz nada lhe occultara do que tinha praticado depois do seu regresso do Brazil, e como em Louredo soubera pelas primas de Anninhas, que a superiora do convento de Nossa Senhora da Conceição, se interessara em indagar o destino que tivera a creança, chegando a encarregar o capellão de fazer varias pesquizas, pesquizas que infelizmente não tinham dado resultado algum, e que haviam concluido, por se julgarem inuteis, tres annos antes do seu regresso.

No dia seguinte, depois de ir na companhia de Luiz ver Anna da Soledade, Fernando instou com o seu amigo para que de novo o acompanhasse á rua dos Infantes.

Luiz mostrou-se pouco disposto a cumprir o desejo de Fernando.

— Que vou eu lá fazer, observou elle, o essencial é que não descubram no futuro que fomos os auctores do sequestro d'uma reclusa, que estava ali cumprindo a pena que lhe fora imposta pela lei.

— Preferias então que ella voltasse para a clausura, ficando eternamente na ignorancia de alguns promenores, que podessem dar-te luz sobre o paradeiro de teu filho?

— E crês que no convento se poderão colher quaesquer informações, argumentou Luiz? Acreditas que embora a superiora esteja ao facto de alguns indicios ella se preste a relatal-os?

—Não sei, mas vou tentar a experiencia; demais para que precisará ella guardar segredo, quando o teu nome lhe diz a qualidade em que procuras essa creança, que um crime mysterioso fez desapparecer.

Luiz vendo que seria desnecessario continuar a recusar-se acompanhou o seu amigo.

Fernando ia pensativo. Quizera não ter revelado as suas intenções a Luiz e vira-se compellido a declarar-lhe o seu plano.

Tambem para que occultar-lh'o?

Não havia elle de ser sabedor do que tencionava fazer? Não era na presença de Luiz que elle havia de formular todas as perguntas?

Se o receio da franqueza de Fernando provinha de que Luiz fosse tão miticuloso que o prohibisse de tocar em tal assumpto á superiora, porqae não ia elle só perguntar-lh'o? Mas tirado de ser ao pae d'essa creança quereria a superiora dizer o que sabia?

Em vinte minutos estavam no convento de Nossa Senhora da Conceição, e eram admittidos no parlatorio, ou locutorio, uma pequena sala quadrada tendo ao fundo uma vasta abertura em arco, com grades, e onde as freiras recebiam as visitas que não eram admittidas no interior do convento.

Passados alguns momentos d'um silencio absoluto, ouviram girar nos gonzos varias portas, primeiro mais distante depois mais proximo, até que da banda de dentro da grade se evidenciaram os passos breves de uma mulher, que não poderia ser muito avançada em annos.

- Queiram aproximar-se, o que me desejam?

Fernando inclinou a cabeça respeitosamente e deu alguns passos para a grade.

A porta da sala fôra cuidadosamente fechada, deviam-se julgar os tres completamente sós.

— Já tive a honra de mandar communicar a V. Ex.ª que sou o medico Fernando Telles, e que venho na companhia de Luiz Ferreira Lobo, meu amigo de infancia, solicitar-lhe algumas informações das que nos consta ter colhido sobre o desapparecimento do filho de uma reclusa, encarcerada n'esta casa ha sete annos, e que um acontecimento fatal e imprevisto acaba de libertar para sempre á acção da justiça humana, para a levar a comparecer perante o tribunal supremo.

— E' da irmã Soledade que pretende fallar, não é verdade? Mais uma victima d'esses barbaros francezes...

E um suspiro similhante a um soluço saiu dos labios da superiora, podendo ver-se-lhe levar o lenço aos olhos, apesar da meia luz em que estava sepultado o interior da sala onde ella se encontrava.

— Não se attribue aos francezes o assassinato da irmã Soledade.

— Então a quem?

— Quando fui chamado para a vir ver disse-me o proprio Villiot e Benard, um subalterno que com alguns soldados a encontrara como morta fora da portaria do convento, que não só elles eram completamente alheios áquelle crime, como o suppunham praticado por pessoa completamente estranha ao convento e que se introduzira nos claustros, talvez premeditadamente, aproveitando o tumulto da invasão.

— É um facto bem extraordinario na verdade. Esse crime, não sei porque, traz me á memoria um homicidio frustrado praticado em Evora na noite de 15 de agosto de 1785.

— Effectivamente passando a fazer a analyse do ferimento pude convencer-me que elle fôra feito com a bala de uma pistola, armas de que não usavam os francezes. O projectil achava-se alojado na nuca, porem depois de se haver feito a extracção o estado da enferma aggravou-se subitamente e todos os soccorros da sciencia foram improficuos.

— E que pensam d'esse crime? A justiça procede á procura do criminoso?

— Ainda não providenciámos cousa alguma n'esse sentido, demais da maneira que as cousas se encontram desordenadas nenhuma auctoridade civil tem força para proceder no meio da perturbação publica.

— Só em Beja conheço uma unica pessoa que tenha interesse na morte da irmã Soledade, essa pessoa foi a mesma que tentou assassinar ha vinte e quatro annos, em Evora, uma mulher que tinha o nome de Thereza Leite.

— E dir-nos-ha o seu nome?

— Advinham-no facilmente. Ha sete annos que um homem comprou n'esta cidade uma propriedade onde habita desde que se julgou um processo de adulterio em seu favor.

— O morgado de Louredo, exclamaram a um tempo Fernando e Luiz, como se um relampago lhes illuminasse subitamente o espirito.

— Não fui eu quem o accusei. Agora sr. Luiz Ferreira Lobo, já que tanto concorreu para os tristissimos factos que amarguraram a existencia da pobre Soledade, diligenciei ao menos rehabilitar a sua memoria e encontrar seu filho.

Ouviu-se tocar um timbre e a abbadessa dar algumas ordens em voz baixa.

Pouco depois o abrir d'uma porta indicava que essas ordens haviam sido cumpridas, e a abbadessa aproximando-se das grades com dois massos de papeis lacrados de preto, disse dirigindo-se aos dois amigos, que emquanto se observava este pequeno parenthesis, não se tinham atrevido a trocar entre si uma unica palavra, tal era a avalanche de idéas que se combatiam nos dois cerebros.

— Ao sr. Fernando Telles confio alguns dados da vida de Thereza Leite, que o poderão talvez esclarecer um pouco do passado de Claudio de Castro, hoje morgado de Louredo. Auctorisa o o que está ahi escripto a dizer-lhe que, essa mulher, que só teve na vida a fraqueza de uma affeição culpada, pela qual seus paes morreram de vergonha, vive ainda, apezar d'elle lhe pagar o sacrificio da sua honra tentando assassinal-a. Felizmente o arrependimento veiu a tempo de redimir a peccadora. Salva á morte entrou para um convento da nossa ordem onde dentro de um anno professava. A austeridade com que observava ainda as mais arduas regras da nossa disciplina, o empenho firme, presistente, de resgatar o passado por um presente de virtude, de abnegação e de sacrificio, grangearam-lhe a sympathia de toda a communidade, e hoje em paz para com Deus, só tem palavras de perdão e de esquecimento para esse que, arrastando-a ao crime, procurou traiçoeiramente arrastal-a ao tumulo.

E procurando mostrar firme a voz que lhe tremia de commoção, voltou-se para o lado onde se encontrava Luiz.

— A si, sr. Ferreira Lobo, tem aqui tudo que se poude obter com respeito ao desapparecimento de seu filho. Fôra meu desejo encontral-o e dar essa noticia á infeliz mãe; porém, apesar de fazer tudo quando em mim coube, nada consegui. Ao sr. que é homem e é livre tornar-se-lhe ha menos difficil essa tarefa e obterá de certo, em tres ou quatro dias, o que em não pude obter em tres annos.

«Ha de encontrar junctamente um testamento. São as ultimas disposições de Soledade a favor de seu filho, legando-lhe toda a fortuna usurpada pelo morgado de Louredo. Se chegar um dia em que possa abraçar esse que tão cêdo foi condemnado a expiar alheias culpas, que o torne digno do nome illustre que representa, para aprender a perdoar aquella que tanto soffreu por sua causa.

A superiora ao proferir as ultimas palavras denunciara um profundo abatimento. A voz pouco a pouco tornando-se mais fraca acabara por se confundir n'um murmurio imcomprehensivel, e quando Luiz, commovido, ao receber da mão da superiora o maço de papeis que lhe era destinado lhe pegou para a beijar, os seus labios sentiram repulsão similhante áquella que se experimenta quando beijamos um cadaver.

A superiora estava fria e hirta encostada á grade.

Aos gritos de Luiz e Fernando acudiram as religiosas.

— Soror Maria Paula! Soror Maria Paula, que tem, perguntaram ellas em côro.

Mas a superiora não respondeu mais.

Estava morta!

(Continua). *Julio Rocha.*

AMOR FILIAL

Se eu te pudesse ver, qual eras d'antes,
Ó minha patria, venturosa e forte,
Quando tinhas da fé, da gloria o norte;
Quando a cruz, quando a espada triumphantes

Levavam os teus bravos navegantes,
— Leões do oceano — com febril transporte,
Ao mundo inteiro, desprezando a morte,
Inveja, pasmo das nações restantes!

Mas, porque hoje cahiste da grandeza,
Porque vegetas misera e mesquinha,
Menos a ti não está minh'alma presa.

Não deixa o filho a mãe porque definha;
Quer-lhe mais na desgraça e na fraqueza;
Infeliz, mais te quero, ó patria minha.

27 de maio de 1891 *Ramos Coelho*

POBRE ELVIRA!...

Havia mais de um anno, que o padre unira para sempre, os dois amantes.

Cada dia que passava, era mais um élo que se junctava áquella cadeia toda de ventura; cada hora, uma porção de goso supremo em que se esvaiam os dois esposos.

Quando o sol, entrando pelas fisgas da janella do quarto, ía despertar Elvira, oscolando-a na face com seus raios de fogo, então, erguia um pouco o gentil corpo, e acordava com beijos o esposo, que dormia ao lado, muito descançado, n'um somno suave e brando.

Despertando ao contacto d'aquelles purpurinos labios, sorria, n'um sorriso cheio de volupia, gosando immenso em ser acordado d'uma maneira tão bôa, tão sensual...

Chegava até a não despertar aos *toques d'alvorada*, como lhe chamava, fingindo não ter sentido, afim de que ella repetisse mais e mais... o manhoso...

Depois ria muito, troçando da esposa que julgava não ter elle persentido os seus ardentes beijos, d'uma lubricidade febril... e ella, com um pequenino arremesso, n'um amuo terno, com os labios estendidos, fechados como um botão de rosa, chamava-lhe máu... que não tinha vergonha de estar ainda na cama... que eram horas de ir para o seu trabalho...

Elle então, n'um espreguiçamento languido, lançava-lhe os braços em volta do pescoço, puxava-a para si, beijava-a doidamente, com sofreguidão, e deixava-se ficar um pouco mais, brincando com ella, fanzendo-lhe cocegas... como que ella ria... ria... em gargalhadas infantis.

Quando elle sahia para a repartição, ella acompanhava-o até á porta, com a cintura interlaçada pelos braços do marido, e emquanto este descia a escada, corria á janella, a seguil-o com a vista pela rua fóra, até lá á esquina, onde elle se voltava a dizer-lhe adeus, no fim de estar um segundo a contemplar o busto esvelto da Elvirita debruçada na varanda.

Era então que ella se retirava para dentro a tratar do seu *ménage*, esperando pelas quatro horas, que elle voltasse.

*
* *

Fazia um calor diabolico.

Elvira, posta á janella, esperava anciosa pelo seu querido Alfredo que não deveria tardar.

Sem poder bem explicar porquê, uma dôr occulta, uma oppressão interior, lhe anuviava o rosto.

Deram cinco horas, e nada.

O Alfredo não apparecia.

— Jesus! Ter-lhe-ia acontecido alguma cousa? Elle, que era sempre tão pontual!...

Perecia impossivel!...

Sentiu-se rodar um trem ainda distante. Elvira estremeceu e o coração bateu-lhe com violencia.

O trem veiu rodando pela rua acima, até que parou em frente da porta.

Elvira teve desejos de se precipitar da janella, para mais rapidamente chegar juncto da carroagem.

Um guarda saltou fora do carro e pediu ao cocheiro para o ajudar a tirar o individou que vinha dentro, e que ella reconheceu ser o marido.

Correu á escada e de um salto achou-se proximo d'elle.

— Que aconteceu? exclamou aflictissima.

— Uma congestão, disse o policia friamente. Morreu no caminho...

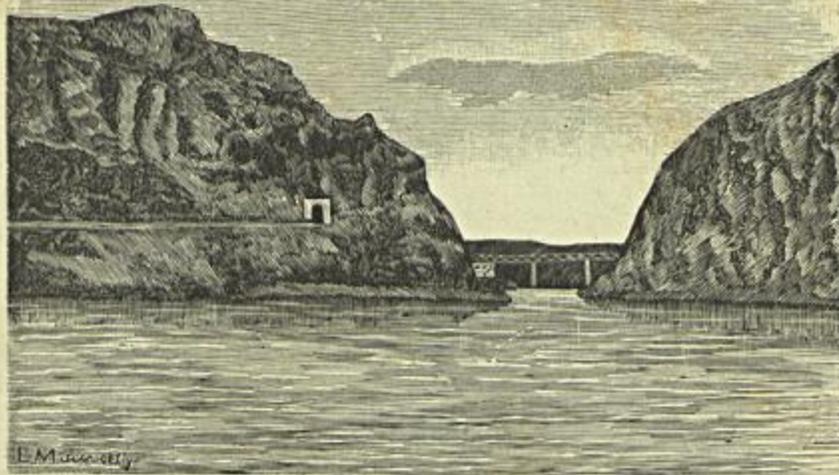
....

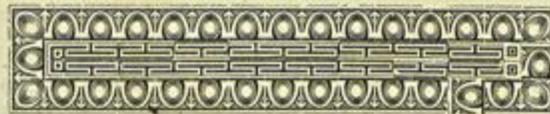
Passado tempo, quando o sol entrando pelas fisgas da janella do quarto, ía despertar Elvira, oscolando-a na face com os seus raios de fogo, então, erguia um pouco o gentil corpo e ficava-se como que n'um somno hypnotico, a olhar... a olhar... tempos infinitos para o logar em que outr'ora descançara a cabeça do esposo. E, ao aproximar-se a hora do jantar, postava-se á janella, n'uma immobilidade de estatua, fictando com olhar vitrio o ponto d'onde costumava vir o marido.

E' que a Razão deixara de habitar aquelle cerebro...

Pobre Elvira!...

Ricardo de Souza.

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

TUNNEL DAS PORTAS DE RODAM, NA LINHA DA BEIRA BAIXA

(Segundo um desenho do sr. L. Mauritty)

REVISTA POLITICA

Por muito que tivesse occorrido na politica, n'estes ultimos dez dias, não deixariamos de dedicar algumas linhas d'esta revista á morte do eminente homem de letras e de sciencia, que tambem pagou o seu tributo á politica, e que era hoje o chefe do partido republicano, Latino Coelho.

Para fallar d'este portuguez illustre pelo seu saber e pelo seu talento, não e preciso callar odios politicos ou esquecer faltas que atormentam muitos dos que militam na vida da politica. Latino Coelho atravesssou as regiões do poder deixando boa memoria de si, sem mancha que maculasse o seu nome, e quando o seu grande espirito se não sentiu bem no meio politico em que até ali vivera, não se póde dizer que elle mudasse de ideas, mas sim que continuou a avançar, como sempre caminhara na vanguarda dos partidos monarchicos, e achou-se republicano, tanto elle se distanciara d'esses partidos cujas ideas e theorias já não podia partilhar.

Se elle avançou tanto é porque os monarchicos não o poderam ou quizeram acompanhar no bom caminho. Assim se tem feito muitos republicanos e se continuarão a fazer no andamento em que tudo isto vae.

Latino Coelho não foi pedir á politica prestigio para o seu nome, nem proventos para a sua existencia. A sua posição era tão defenida a sua fama tão solida, que a politica nada influiu na sua distincta individualidade, nem sequer para lhe corromper a consciencia.

Honesto e limpo, amava em primeiro logar a sciencia e as letras; na politica foi apenas um theorico que, quando a pratica o principiou a apertar nas suas tramas peccaminosas, elle não se deixou enredear, desprendeu-se, veio para o campo independente e ahi chamaram-lhe republicano

Elle não protestou, sentiu-se assim mais a vontade com as suas theorias, e foi republicano theorico.

E ditas estas breves palavras sobre o illustre morto gloria d'este paiz, entremos na ordem d'esta revista bem differente do necrologio a não ser que seja o de algum partido que passe d'esta para melhor, com todas as impenitencias de misero peccador.

Mas não temos d'isso. Os partidos estão todos vivos, o que não quer dizer que estejam todos de perfeita saude; quer-nos mesmo parecer que nenhum d'elles possue uma saude por ahi além, mas vão vegetando aquecidos com o calôr da communidade em que se congregaram, para assim terem mais alguma força e repartirem melhor o refeitorio, sem bulhas de abstinencias forçadas, porque emfim a fome é inimiga da virtude e todos tem direito ao seu quinhão.

Assim vamos navegando com bonança por sobre as ondas encapeladas da publica administração, o que poderá parecer um paradoxo, mas não é, em presença da realidade dos factos.

Effectivamente ha muito tempo que não havia em Portugal uma situação tão erriçada de difficuldades de toda a especie, e em que ao mesmo tempo a politica vá tão bonacheirona em suas apreciações, com uma benevolencia de que apenas uma vez ou outra discorda o orgão do sr. José Luciano de Castro, chefe do partido progressista um tanto em cheque.

E' assim que o *Correio da Noite* tem dado certo vulto ás noticias pouco tranquilisadoras que vieram dos Açôres com respeito á attitude d'aquelles povos contra o monopolio dos alcools, que consideram ruinoso para a sua industria, lançando a idéa de uma separação da metropole para se acolherem á bandeira dos Estados-Unidos.

Para contrapôr aos sustos do *Correio da Noite* responde o jornal do sr. ministro da fazenda destruindo o mau effeito d'esta noticia, mostrando a impossibilidade de uma tal annexação, e na esteira do *Diario Popular*, seguem outros jornaes fazendo côro.

Esta questão dos Açôres não é nova e a idéa calla ha muito tempo por lá com mais ou menos partidarios, e por isso nós diremos sempre que não é bom brincar com fogo, e melhor era conciliar os interesses do estado com os dos contribuintes.

A nós não nos parece que os açorianos lucrassem muito com a mudança de nacionalidade, que em summa não é coisa que se mude como a camisa do corpo, mas o que em todo o caso estas presumpções revelam é um espirito pouco solidario de nacionalidade, que convem não alimentar para que não sobrevenham maiores difficuldades á familia portugueza.

Os tributos são em geral pagos de má vontade no nosso paiz, porque a distribuição dos impostos e a sua arrecadação nem sempre é feita com o criterio e justiça completa, mas ainda a applicação d'esses tributos não revela uma irreprehensivel sensatez e economia administrativa.

Moralise-se a administração das rendas do Estado, e essa má vontade desapparecerá.

Experimentem e verão se lhes não estou fallando pela bocca d'um anjo.

João Verdades.

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
Rua Nova do Loureiro, 25 a 43